

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

RIALTO

GUILHERME D'AZEVEDO

Chegado de Santarem pelo comboyo da manhã, elle entrou em Lisboa ha onze annos trazendo comsigo um livro primoroso — *A Alma Nova*.

Desde então até hoje a sua penna nunca mais cessou de correr no papel em alegres esfusiadas, que como um fogo d'artificio estalam na pagina em arabescos luminosos e em estrellas rutilantes.

Não é possivel estar mais na publicidade e ao mesmo tempo apparecer menos na evidencia.

Toda a gente o leu e ninguem pessoalmente o conhece.

No meio do estrepito retumbante da sua obra, assignada pelos pseudonymos famosos de *Gil Vaz* ou de *João Rialto*, na *Lanterna Magica* e no *Antonio Maria*, elle, encolhido, recluso, escorredio, atravessou a celebridade lisbonense pelo lado da sombra, caminhando no escuro em bicos de pés.

Os differentes prazeres da gloria, que consistem para o eleito em ser curiosamente apontado no Passeio Publico pelas mulheres feias que infestam aquella região ao domingo de tarde, em occupar uma cadeira em S. Carlos e em ter um retrato photographico exposto nas vidraças da rua do Ouro entre o de um bailarino e o de uma *cocotte*,—esses prazeres capitosos e ardentes, que tantas imaginações devoram no interior das nossas provincias,— Guilherme d'Azevedo, repelliu-os sempre com uma energia inexpugnavel.

O *Album das Glorias*, abrindo n'esta pagina um alçapão que faz tombar de chofre no meio do publico a personalidade do organisador litterario d'esta galeria, emprega a emboscada como unico meio de trazer a lume esse perfil, o mais refractario ás seducções da notoriedade.

Apesar de coxear um pouco, por defeito physico, como lord Byron, Guilherme d'Azevedo é dos raros escriptores que na imprensa caminham pelo seu pé. A maior parte dos jornalistas seus confrades andam pela mão, amparados ás ideas e ao estylo dos outros.

Temos seguramente no paiz uns quinhentos ou seiscentos individuos perfeitamentte habilitados para alinharem quotidianamente ao longo de uma gazeta tres ou quatros columnas de phrases aproximadamente correctas.

Cumpre unicamente advertir que essas phrases nem exprimem as idéas nem representam os processos estheticos dos sujeitos que se encarregam de as reduzir ao signal graphico. São as phrases que toda a gente respira no espaço e que se apanham no ar como as moscas. A prosa expressiva, artistica, pessoal, dando a imagem viva de uma idea atravez da força de um temperamento, essa é apenas mantida nos jornaes portuguezes por uns quatro ou cinco escriptores originaes, que vão adeante; e todos os demais, consciente ou inconscientemente, os seguem.

Guilherme d'Azevedo é um d'esses chefes de fila. Elle possue em alto grau as grandes qualidades do jornalista moderno: — a coragem da opinião, a fina sensibilidade mental perante a orientação scientifica do seu tempo, a sufficiente dose de irreverencia por todas as expressões da auctoridade, e o poder da forma; — não da velha forma classica dos compendios de eloquencia, mas da forma irregular e individual que mette a alma do artista na expressão da sua idéa e transforma o vocabulo inerte na palavra alada de que falla Homero.

O estylo de Guilherme d'Azevedo dobra-se com admiravel flexibilidade a todos os caprichos da phantasia; de sorte que, dado o facto sobre o qual o artigo tem de ser *bâclé* para o jornal do dia seguinte, elle arranca-lhe de dentro em cinco tiras de papel tudo o que se lhe pedir: cabriolas, guinchos, methodos scientificos, carrancas de palhaço, religiões, philosophias, busca-pés, baba de tigre, theorias d'arte, formas de governo, bandeirolas, blasphemias ou pastilhas.

Exercendo uma consideravel força de critica e de mordacidade sobre os compadrios caturras da sociedade de Lisboa, elle nunca teve inimigos. Quando ha mezes partiu para Paris, onde presentemente reside, li eu n'um jornal que *vinte e tres dos seus amigos* tinham ido dizer-lhe adeus. Vinte e tres amigos, para um homem que não tem pelo menos dois ou tres ministros fechados em cada mão, parece-me ser o mais expressivo elogio que se pode fazer á bonhomia de um malicioso. E esse elogio Guilherme d'Azevedo merece-o mais que ninguem, por que nunca a fibra bellicosa de um mais arrogante sapador revestiu o coração ingenuo de um melhor rapaz.

João Ribaixo.

TYP. RUA AUGUSTA, 23